

“Habitar São Paulo: relatos femininos”, na Casa Museu Ema Klabin, traz memórias de escritoras

A mostra reúne fotos e trechos de obras de dez escritoras de diferentes épocas, contextos e territórios – e apresenta relatos que transitam entre o íntimo e o coletivo, que revelam diversas formas de viver e perceber a cidade



Rita Lee e a
cachorra Lola,
2020
Foto: Rita Lee / Instagram



Gilda de Mello e Souza

Foto: Coleção Madalena Schwartz / Instituto Moreira Salles

Até 27 de setembro, a Casa Museu Ema Klabin apresenta a exposição *Habitar São Paulo: relatos femininos*. Idealizada pelo curador da Casa Museu, Paulo de Freitas Costa, a exposição tem curadoria do núcleo educativo da Casa. A mostra convida o público a percorrer a cidade a partir de narrativas de dez escritoras, por meio de trechos de suas obras – que atravessam o cotidiano, a memória e o espaço de suas casas em São Paulo. Os trechos selecionados estarão expostos ao lado de fotografias raras dos ambientes de suas casas, que remetem aos contextos descritos por suas autoras.

A exposição procura apresentar a cidade a partir de narrativas femininas que atravessam diferentes épocas, contextos sociais e territórios. Gilda de Mello e Souza, Zélia Gattai, Rita Lee, Giovana Madalosso, Paula Fábrio, Adriele Oliveira, Helena Silvestre, Lilia Guerra, Luísa Marilac e Prudence Kalambay partem da memória íntima, familiar e coletiva para construir retratos de diferentes formas de habitar a cidade.



Lilia Guerra

Foto: Folhapress

“São Paulo guarda muitas memórias, muitas histórias. A exposição toma emprestado o olhar e a perspectiva dessas escritoras, que nos trazem relatos sensíveis, trágicos, íntimos ou até engraçados, que ampliam o olhar para uma pluralidade de vivências em uma cidade marcada por intensos contrastes” – explica Cristiane Alves, coordenadora do educativo e uma das curadoras da exposição.

A exposição se organiza a partir de eixos narrativos: *família, trabalho e convívio; memória de objetos e espaços; da janela para fora; percepções sensoriais; e a cidade sonhada* – e propõe um diálogo entre literatura e memória, que percorre os ambientes da casa. O público também tem acesso a gravações em áudio, com vozes femininas que narram os textos selecionados – e a um espaço de leitura com livros das escritoras participantes, o que possibilita uma maior aproximação com as obras e as narrativas presentes na mostra.

“Quando realizamos a exposição Tempos de uma casa, no ano passado, percebemos a importância dos relatos de Ema Klabin e de suas amigas e funcionárias, na construção de uma memória mais abrangente, com uma sensibilidade especial. Nesta exposição expandimos a experiência, com histórias potentes que nos permitam

enxergar toda a cidade de outra forma” – afirma Paulo Costa, curador da casa-museu e idealizador da mostra.

AS MEMÓRIAS DAS ESCRITORAS

Em um dos trechos selecionados, Rita Lee descreve a transformação de seu quarto diante da doença: *“Tenho um gaveteiro art déco de madeira trabalhada com espelho, azulejos florais [...] De um dia pro outro aquilo virou um reduto de caixas de trocentos remédios [...] Levei um choque, mas entendi que meu quarto seria um puxadinho do hospital... só que radicalmente psicodélico”*. Trecho de *Outra autobiografia* (2023, Rita Lee, Globo Livros).

Já em um trecho da obra *Anarquistas, graças a Deus*, Zélia Gattai recupera uma São Paulo atravessada por narrativas familiares e imaginárias. A casa *“mal-assombrada”* vizinha não é apenas um cenário; é um lugar onde o real e as lendas urbanas se misturam – e revela como a cidade se constrói pelas histórias que circulam sobre ela.

TERRITÓRIOS INVISIBILIZADOS

A exposição também percorre outros territórios da cidade, frequentemente invisibilizados. No texto de Helena Silvestre, a periferia aparece como lugar de potência e resistência. A autora, finalista do Prêmio Jabuti 2020, é escritora e ativista afroindígena, com atuação em lutas territoriais e feministas em favelas, ocupações urbanas e periferias.

Esse olhar também ecoa na escrita de Adriele Oliveira, que observa como os moradores transformam suas casas em espaços de pertencimento e de identidade. Em



Zélia Gattai
e Luis Carlos
Veiga

seus relatos, pequenos gestos revelam maneiras de inscrever afeto, memória e dignidade na paisagem. Assim, deixam marcas visíveis de resistência nos territórios que, historicamente, foram colocados à margem da cidade.

A CIDADE QUE CADA UM HABITA

A exposição também oferece um espaço de participação no qual o público pode registrar suas próprias memórias sobre habitar São Paulo, por meio de textos, desenhos ou gravações, ampliando assim as narrativas propostas pela exposição.

SERVIÇO

Habitar São Paulo: relatos femininos

Até 27 de setembro

Casa Museu Ema Klabin

Rua Portugal, 43, Jardim Europa, São Paulo / SP

Dias/Horários: visitas livres de quarta a domingo, das 11h às 17h, com permanência até as 18h; visitas mediadas de quarta a sexta, às 11h, 14h, 15h e 16h; sábado, domingo e feriado, às 14h

Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia) para estudantes, idosos, PCD e jovens de baixa renda; gratuidade para crianças de até 7 anos, professores e estudantes da rede pública.

<https://emaklabin.org.br>